



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

ESCOLA PAROQUIAL VICENTE PALLOTTI EM FÁTIMA DO SUL- MS: História de sua fundação entre 1957 a 1971

Adrielle Aparecida Squinca da Silva¹

UFGD-FAED C. Postal 533, 79804-070 Dourados-MS, E-mail:
dricasquinca@hotmai.com ¹Graduanda do curso de Pedagogia

RESUMO

Objetiva-se apresentar a história da Escola Vicente Pallotti, fundada pelos padres palotinos em 1957, como a primeira escola de Fátima do Sul, em Mato Grosso do Sul. O recorte temporal inicial é 1957 por referir-se a fundação da escola e encerra-se em 1971, ano da Lei 5.692 que previa mudanças para o então denominado ensino de I e II Graus, no contexto da ditadura militar. A principal fonte analisada foi o Livro Tombo, na secretaria da Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima. Além dele, contamos com fotografias e narrativas de ex-professores, ex-diretores e ex-aluno. Como fonte secundária nos baseamos em Santos (2007) e Capilé (1999). Para o referencial teórico de análise consideramos a História das Instituições Escolares (BUFFA, 2007; MOGARRO, 2005; SANFELICE, 2007, etc.). O sucesso das obras sociais palotinas com verbas de organismos internacionais, investindo não só no ensino primário, mas também no secundário, faz de Fátima do Sul uma cidade pioneira, na década de 1960. As disciplinas ministradas no ensino primário eram Português, Matemática, Ciências, História e Geografia, com ênfase, para as duas primeiras disciplinas, uma vez que a leitura, a escrita e o cálculo, era considerados sinônimo de escolarização. Sobre a representação social da escola na cidade de Fátima do Sul, parece-nos que ela era considerada a melhor escola nesse período, considerando que até os não católicos, que tivessem condições, matriculavam seus filhos na Vicente Pallotti, por acreditar que nela estavam os melhores professores.

Palavras-chave: Escola Vicente Pallotti. História da instituição. Fátima do Sul.

INTRODUÇÃO

Trata-se de um artigo no campo da História das Instituições Escolares, sobre a escola primária Vicente Pallotti, fundada pelos padres Palotinos¹ em 1957, na cidade de Fátima do Sul, antigo sul de Mato Grosso (MT), atual Mato Grosso do Sul (MS).

O recorte temporal vai de 1957, ano de criação da escola, até 1971, ano da Lei 5.692 que apresenta profundas mudanças para o então denominado ensino de I e II Graus, no contexto da ditadura militar.

Justificamos nossa escolha pelo tema, primeiro, pela afinidade com a História da Educação e, segundo, por ter nascido e residir em Fátima do Sul e, também por perceber a carência de uma história da educação na região, em especial sobre a escola primária Vicente Pallotti.

Como questões de pesquisa destacamos os processos de implantação da escola Vicente Pallotti como primeira escola da cidade, sua representação social e o grau de participação dos católicos na implementação e funcionamento da escola, uma vez que ela foi fundada pelos padres Palotinos, buscando considerações sobre o currículo e as práticas da instituição no período delimitado.

A perspectiva da História das Instituições Escolares norteou a presente pesquisa (BUFFA, 2007; MOGARRO, 2005; SANFELICE, 2007, etc.), que se baseou em fontes primárias e secundárias. Como fontes primárias destacamos o livro Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima, datado de 1963 a 1990, e as fotografias. Como fonte secundária as obras de Santos (2007) e Capilé (1999).

O texto está dividido em três partes: Na primeira apresentamos os documentos utilizados e os procedimentos de localização, bem como o referencial teórico-metodológico. Na segunda relatamos os principais acontecimentos sobre a criação do

¹ Os Palotinos ou Padres Palotinos (S.A.C.) são uma congregação religiosa da [Igreja Católica Apostólica Romana](#) fundada em [1835](#) com o nome de *Sociedade do Apostolado Católico (societas apostolatus catholici)* pelo Padre [Vicente Pallotti](#), declarado santo, durante o [Concílio Vaticano II](#), pelo [Papa João XXIII](#) em [20 de janeiro](#) de [1963](#). (dados retirados do Wikipédia)

município de Fátima do Sul, retomando o período da Era Vargas, em especial o movimento “Marcha para o Oeste” até o período atual com dados estatísticos sobre a cidade e o sistema de ensino. Na terceira parte apresentamos fatos da implantação da escola primária Vicente Pallotti, questões sobre currículo e práticas educativas no período delimitado, com base nas fontes localizadas.

1 Referencial teórico-metodológico: coleta e análise dos documentos

A Escola Vicente Pallotti foi a primeira instituição escolar a ser construída em Fátima do Sul, apresentada como símbolo de “progresso” para a cidade que estava se iniciando. Nesse sentido, justificamos a necessidade de reconstruir os passos iniciais dessa escola na região, contribuindo para a história da educação no município, ao resgatar a memória escolar, por meio de documentos históricos diversos.

Um cuidado a que estivemos atentos, como alerta Buffa (2007), foi com o risco de nos envolvermos com o objeto de pesquisa. A autora nos alerta do perigo de nos envolvermos com o objeto da pesquisa e esquecermo-nos de sermos críticos, condição necessária para desempenhar um trabalho proveitoso.

Com essa consciência, consideramos a importância de observarmos cada registro sem desconsiderar que numa instituição há variadas determinações, como o olhar político, religioso, cultural entre outros, não nos esquecendo de olhar para o nosso entorno. E, como afirma Sanfelice (2007):

[...] não há instituição escolar ou educativa que não mereça ser objeto de pesquisa histórica. O maior ou menor grau de relevância de uma instituição seja do ponto de vista econômico, político, educacional e segundo critérios específicos, não pode tolher a escolha do historiador. Não há instituição sem história e não há história sem sentido. O desafio é trazer à luz esse sentido e, com frequência, há boas surpresas. (SANFELICE, 2007, p. 79).

O autor afirma que não há instituição escolar que não possa passar pela ótica de um pesquisador. No caso da escola Vicente Pallotti, alguns professores e ex- alunos ainda estão vivos e com muita história para contar, trazendo-nos, como afirma Sanfelice (2007), “boas surpresas” que contribuíram para a escrita desse artigo.

Posso chegar à história da instituição pela legislação educacional, pelo seu currículo, pelo seu quadro de alunos, pela sua proposta pedagógica, pela sua cultura manifesta, pelos trabalhos escolares, pela arquitetura do prédio, pelos professores que dela participaram, pelos ex-alunos, pelo mobiliário, pelas memórias, pela historiografia preexistente ou por arquivos e múltiplas (escritas, orais, imagens, sons e outras). De modo um tanto evidente, cada caminho de acesso pode determinar certo enviesamento do olhar do pesquisador que, se descuidado, dará ênfase maior ou menor a algum dos aspectos constitutivos das instituições em detrimento dos demais. Mas esse seria um risco a evitar-se, pois não se constrói uma mesma história de uma instituição escolar restringindo-se a um estudo das atas produzidas pelos seus responsáveis burocráticos ou, de maneira inversa, privilegiando-se apenas os livros e o material didático de que ela fez uso em determinado tempo ou ao longo dos tempos. (SANFELICE, 2007, p, 77).

Considerando o cuidado de não apresentar um “olhar enviesado”, como alerta Sanfelice (2007), tentamos nos aproximar do maior número possível de documentos históricos disponíveis que contribuíssem para contar a história dessa escola.

Tivemos acesso ao livro Tombo da Matriz Nossa Senhora de Fátima, que foi o principal documento histórico escrito utilizado nesta pesquisa. O livro está na secretaria da Matriz. Passamos algumas semanas fazendo a leitura de todo o seu conteúdo², em busca de informações sobre a fundação da escola.

A professora Elcira Gracia Cielo apresentou-nos alguns livros didáticos e cadernos utilizados por ela durante seu tempo como professora na escola, mas todos elaborados e utilizados após o nosso recorte temporal, ou seja, depois de 1971.

Na Escola Estadual Vicente Pallotti, onde nos apresentamos com uma carta da orientadora, solicitando informações e fontes que contribuíssem para a história da

² Entre outubro de 2013 e junho de 2014.

fundação da escola, não obtivemos retorno positivo³. Foi nos informado que se houvesse documentos sobre esse período, eles estariam na igreja matriz. O único vestígio desse período encontrado na atual escola foi um breve relato, com poucas informações, no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Deparamo-nos com a realidade do descarte de documentos de arquivos escolares, o que dificulta a reunião de fontes para recontar a história das instituições, como relembra Mogarro (2005).

Além de documentos escritos, fizemos uso de entrevistas narrativas, por meio de conversas com ex-professores, diretores e aluno que frequentaram a escola durante o período delimitado. Foram nossos “informantes”: a professora Elcira Gracia Cielo; a professora Iraci de Souza de Oliveira; o professor Quintino Bristot; o ex-aluno Pedro Rocha; e o padre Ládio Luiz Girardi que foi professor e diretor da Escola Vicente Pallotti.

A entrevista narrativa é um método de pesquisa qualitativa. Como afirmam Jovchelovith e Bauer (2013, p. 95): “Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas”.

A professora Elcira Gracia Cielo, apesar de ter conversado conosco e narrado sobre sua chegada à cidade e sua relação com a escola, fez questão de um questionário a ser respondido por ela por escrito, com receio de que suas palavras pudessem ser distorcidas numa entrevista oral, “aberta”. Tendo em vista a dificuldade de entrevista com o ex-aluno Pedro Rocha, também elaboramos um questionário para que ele pudesse responder por escrito.

Considerando que a entrevista narrativa objetiva estimular o entrevistado, (o chamado “informante”) “a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (JOVCHELOVITH e BAUER, 2013, p. 93), faz-se necessário apresentar nossos informantes:

O professor Quintino Bristot, nasceu em Criciúma, Santa Catarina-SC no dia 21 de outubro de 1936. Formou-se em Filosofia e Teologia no seminário Colégio dos

³ Estivemos na escola no dia 5 de outubro de 2013 e conversamos com a direção da escola.

Servitas em São José dos Campos (SP), onde estudou por 16 anos. Chegou à cidade em abril de 1960 com 23 anos de idade e foi professor do Instituto D. Pedro II.

A professora Elcira Gracia Cielo chegou à cidade de Fátima do Sul no dia 22 de maio de 1968 porque seu marido foi convidado pelos padres palotinos a ajudar na construção da casa paroquial. Nasceu na cidade de Faxinal do Soturno, (RS). Formou-se em Estudos Sociais no Centro Universitário de Dourados (CEUD)⁴ e em Pedagogia na cidade de Pereira Barreto (SP). Tem pós-graduação em Educação pela FIFASUL (Faculdades Integradas de Fátima do Sul), antigo Instituto D. Pedro II. Começou a lecionar no magistério e no curso técnico do Instituto D. Pedro II em 1969.

A professora Iraci de Souza de Oliveira nasceu em Triunfo, estado de Pernambuco, chegou a Fátima do Sul em 1960, com 22 anos de idade. Formou-se em pedagogia na cidade de Andradina (SP), em 1982. Começou a trabalhar como professora do primário na Escola Paroquial Vicente Pallotti em 1971.

O pe. Ládio Luíz Girardi se formou em Filosofia e Teologia em Santa Maria (RS), no seminário Colégio Máximo Palotino. Ele foi um dos ex-professores e ex-diretores da Escola Paroquial Vicente Pallotti. Em agosto de 1970, quando chegou a Fátima do Sul, tinha 28 anos de idade.

O senhor Pedro Rocha, de Palmeira dos Índios (AL), hoje com 63 anos, foi aluno da Escola Paroquial Vicente Pallotti, onde começou a estudar no mesmo ano em que chegou à cidade com sete anos de idade, em 1958.

Levamos em consideração a importância da boa relação entre pesquisador/pesquisado para que haja confiança de ambas as partes e o trabalho flua com mais tranquilidade. Além disso, a memória dos sujeitos selecionados como informantes foi comparada, dentro do possível, com outras fontes.

Algumas fotos da escola também foram encontradas no *site* “Museu Histórico e Fotográfico Masuo Yasunaka”. O museu foi feito com fotos que contam a história da cidade, tiradas pelo fotógrafo Masuo Yasunaka, a página virtual foi criada pelo professor Manuel José Araújo, pela professora Maria Odete do Amaral, por Rivalde Souza e por Paulo da Silva.⁵

⁴ *Campus* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁵ Disponível em: <http://www.museufatimadosul.com.br/>; acesso em: 20 set 2013.

2 A cidade de Fátima do Sul em Mato Grosso do Sul: ontem e hoje

A cidade de Fátima do Sul, em Mato Grosso do Sul ⁶, também conhecida como cidade “Favo de Mel” (pelo fato de sua visão aérea ser semelhante a um favo), se insere na história do Brasil a partir do contexto da Era Vargas. Período em que Mato Grosso representava a parte do Brasil “sertanejo”, “pobre analfabeto e inculto”, como afirma Chauí (2000, p. 67), em oposição ao Brasil “litorâneo” representado pela elite intelectual e burguesa.

No entanto, inserido na parte sertaneja do Brasil, Mato Grosso é interpretado como lugar de atraso e selvageria, ao mesmo tempo em que representava “uma reserva de brasilidade, uma fronteira da pátria a ser ocupada por bravos pioneiros”, como atesta Galetti (2000, p. 23). Nesse sentido, justifica-se a necessidade de interiorização do país, seguindo os objetivos do governo Vargas de nacionalização e integração.

As políticas de integração do território nacional nesse contexto, contaram com campanhas em prol da ocupação dos espaços considerados “vazios” no Brasil, dentre elas a criação do programa “Marcha para o Oeste”, em 1937, e das colônias agrícolas, a partir do ano seguinte.

Nesse movimento de interiorização, com a campanha de “Marcha para o Oeste”, considerada e anunciada pelo presidente Vargas como “o verdadeiro sentido da nacionalidade”, com o objetivo de nacionalizar as fronteiras e povoar as regiões mais distantes do litoral, criou-se a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), em 1943, localizada no Território Federal de Ponta Porã⁷.

A Era Vargas apresentou a preocupação de colonizar o antigo sul de Mato Grosso, com o intuito de assegurar a fronteira, também preocupada com o capitalismo e em expandir o país, já que desde a chegada dos portugueses, a população era litorânea.

⁶ O Estado de Mato Grosso do Sul foi criado em 1977, com a divisão do antigo estado de Mato Grosso (MT) em dois estados.

⁷ O Território Federal de Ponta Porã criado em 1943 abrangia os municípios de Dourados, Bela Vista, Miranda, Maracaju, Nioaque, Ponta Porã e Porto Murtinho. Esses municípios estiveram indiretamente subordinados à União, durante o período em que o Território existiu.

Segundo Santos (2007), o principal migrante colonizador na CAND foram os nordestinos, porque se sentiram obrigados a sair de um lugar onde a seca e a falta de terra era predominante, sendo a gratuidade da terra na região Centro-oeste um excelente atrativo, chegaram à região de Dourados em 1948.

Os pioneiros de onde se formaria a atual cidade de Fátima do Sul chegaram em 1953 e pegaram as terras que estavam demarcadas. Os que chegaram depois não encontraram terras demarcadas, segundo Santos (2007), devido à ineficiência da CAND que não se atentou ao grande número de migrantes.

Com dificuldades, como aponta o relato do Dr. José Adauto do Nascimento (1983), os que chegaram depois atravessaram o lado direito do rio e escolheram, eles próprios, seu pedaço de terra. Por esse acontecimento ganharam o nome não de colonizadores, mas de posseiros. Mesmo com os primeiros colonos deixando a barranca do rio Dourados para habitarem seus lotes demarcados pela CAND, o povoado na barranca do rio não parou de crescer, de modo que a área já não era mais suficiente para abrigar a todos.

[...] foi então que a 9 de julho de 1954, de três para quatro horas da manhã, quatrocentos a quinhentos homens aproximadamente, resolveram, contra a vontade da administração do núcleo colonial, invadir a margem direita do rio Dourados e em cima de algumas demarcações de lotes rurais, cortavam datas por conta própria e doaram para aqueles que se dispuseram a construir sua casa em noventa dias. (NASCIMENTO, 1983, p. 9 apud SANTOS, 2007, p. 35).

Quando os colonizadores chegaram ao Porto Ubatuba (primeiro nome dado a Fátima do Sul) se fixaram à margem esquerda do rio Dourados. Depois passaram a colonizar o lado direito do rio, lugar onde se fixou um número maior de pessoas, por isso, o lugar onde foi por último habitada cresceu significativamente mais do que onde se habitou primeiro.

Desde o início do povoamento o vilarejo recebeu vários nomes: Barranca, Porto Ubatuba, Porto Vitória, entre outros. No dia 08 de novembro de 1953 veio ao povoado frei Frederico Miés para celebrar a primeira missa. Após a missa o povo ali presente

perguntou ao padre que nome deveria ser dado à Vila, e ele, pensando por alguns instantes logo respondeu: Como aqui tem gente vinda de todos os recantos do país acho que deveria ser dado o nome de "Vila Brasil", o que foi acolhido e adotado por todos, segundo relato de Nascimento (1983apud SANTOS, 2007).

Eram imensas as dificuldades dos colonos, num lugar onde tudo estava para ser construído, desde sua casa ao primeiro pé de mandioca. Não foi fácil, houve doenças, mortes, desesperança e, o nordestino, fugindo da seca, acabou se deparando com problemas semelhantes, como menciona Santos (2007).

no descanso das picas, o trabalho de edificação dos ranchos de pau a pique coberto de sapé e tabuinhas. Muitos deles dormitórios à noite, armazéns, lojas e farmácias durante o dia. Até uma pequena pensão, de propriedade do seu Gaudêncio, já havia para abrigar os viajantes. (CAPILÉ, 1999, p. 14).

A partir de 1954 a ordem dos padres Palotinos se estabeleceu na região da Grande Dourados, advindos da Província de Nossa Senhora Conquistadora, que ficava em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Com a intensificação da colonização, a congregação foi habitar a margem esquerda do rio Dourado, região da atual cidade de Fátima do Sul, com o intuito de evangelizar, mas com o tempo passaram a realizar outras ações, como a criação da primeira escola, denominada Escola Vicente Pallotti, fundada pelos padres Palotinos, em 1957, objeto maior de nosso estudo neste artigo.

Em 17 de novembro de 1958, Vila Brasil é elevada à categoria de distrito do município de Dourados pela Lei Estadual nº 1.125, oriunda de um projeto apresentado pelo Deputado Estadual Wilson Dias Pinho, engenheiro, funcionário do núcleo colonial de Dourados.

A área do Distrito de Vila Brasil, quando da sua criação abrangia os atuais municípios de Jateí e Glória de Dourados. Com a promulgação da Lei 2.057 de 11 de dezembro de 1963 Vila Brasil é elevada a categoria de município.

Na primeira seção legislativa, já foi votado o projeto de Lei nº 1, criando uma comissão para cuidar da mudança do nome do município de Vila Brasil, já que não

correspondia mais à realidade, estar na categoria de “Vila”. Foi realizado um plebiscito e escolhido o nome Fátima do Sul, uma homenagem a padroeira da cidade, Nossa Senhora de Fátima, por influência dos católicos.

Em 09/06/1995, no prédio da prefeitura municipal houve eleição democrática para a escolha do novo nome desta cidade e município de Vila Brasil. Havia alguns nomes candidatos, o mais votado foi “Fátima do Sul” que venceu com número significativo de votos. Deve-se esta vitória aos padres os quais não mediram esforços em favor da escolha do nome da padroeira da paróquia. (LIVRO TOMBO, 1965, p. 26)

Segundo relatos de moradores da região, no início da colonização, as pessoas tinham que ir a cavalo fazer compras em Dourados. O professor Quintino Bristot contou-nos que era um lugar onde prevalecia a “lei do 38”. Ou seja, aquele que podia mais tinha mais e muitos inocentes morriam. O pe. Ládio Luíz Girardi afirma em seu depoimento que depois que chegaram os missionários palotinos, através de seus ensinamentos a paz começou a se instalar no lugar, “principalmente com a construção da escola, que foi um fator que fez a população deixar a ignorância de lado e conhecer as leis, aprenderem a viver em sociedade e a sonhar com um futuro melhor”.

A professora Elcira Gracia Cielo, afirma que quando chegou do Rio Grande do Sul para Fátima do Sul, no dia 22 de maio de 1968, encontrou a cidade com aspecto de sujeira, em virtude da terra vermelha, “mas é uma terra boa”, complementa. Segundo a professora “a energia [elétrica] era movida a motor, logo, as oscilações eram constantes, não havia asfalto, as casas, a maioria eram de madeira, cercadas por balaústres, muitas casas tinham como piso, o chão batido [de terra]”. Características essas típicas de uma cidade em construção, em um passado não tão distante.

Segundo o relatório da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, datado de 1968, havia “26.000 habitantes no município nesse ano, sendo 23.000 católicos e 3.000 protestantes. (LIVRO TOMBO, 1966, p. 22)”

A Escola Vicente Pallotti: da fundação às práticas escolares

A Escola Vicente Pallotti foi fundada um ano após a chegada do padre Amadeu Amadori a Vila Brasil, no dia 25 de dezembro de 1956. Ele veio da matriz de São Pedro

localizada na Vila São Pedro distrito de Indápolis, para atender o povo como coadjutor das paróquias de São Pedro e de Glória de Dourados, com o objetivo de construir uma nova igreja.

Percebendo a necessidade de uma escola, o pe. Amadori fundou, em 1957, a Escola Paroquial Vicente Pallotti, nas dependências da antiga Capela Nossa Senhora Aparecida atual Nossa Senhora dos Navegantes, à margem esquerda do rio Dourado. Como professoras lecionaram as irmãs Soares de Souza e Pedrina Pereira da Silva.

A escola era muito simples e a situação muito precária. Mas mesmo sem carteiras a escola começou a funcionar em 28 de março de 1957. Seu funcionamento na Capela foi de apenas quatro meses. Em seguida passou a funcionar na Avenida Nove de Julho esquina com a Rua Melvin Jones, numa propriedade do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

No mesmo ano, os padres construíram uma escola de madeira com quatro salas, em terreno emprestado e recursos doados pela comunidade e por duas serrarias.

Figura 1 – Primeira turma da Escola Vicente Pallotti (1958)

A Figura 1, ao lado, apresenta a turma de 66 alunos da Escola Vicente Pallotti, com as professoras ao lado e o pe. Amadeu Amadori no centro, com veste preta. A imagem encontrada no Museu Histórico e Fotográfico Masuo Yasunaka apresenta a data de 1958.



Fonte: Museu Histórico e Fotográfico Masuo Yasunaka

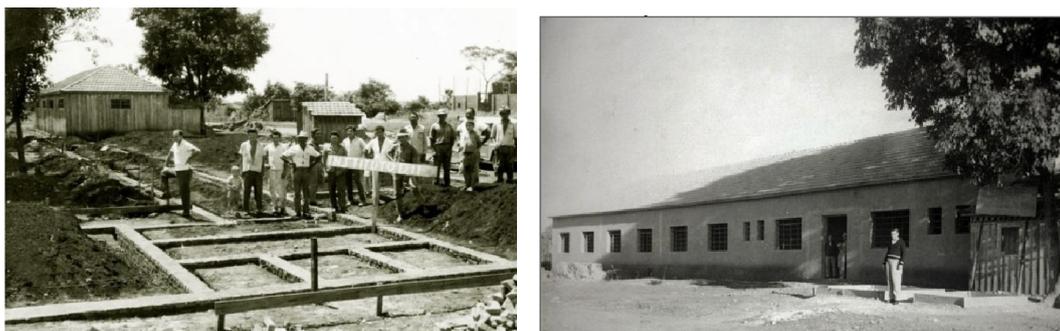
Para os Palotinos, crescer enquanto obras, poderia significar crescer em ordem religiosa. Por isso o interesse em realizar benfeitorias à comunidade. Faz-se necessário relembrar que entre os anos finais da década de 1950 e início da década de 1960 no

Brasil surge a questão da educação popular e os debates em torno da democratização do ensino, com participação ativa da Igreja Católica e do pensamento pedagógico de Paulo Freire e da Escola Nova. (FREITAS e BICCAS, 2009).

Como professoras, lecionavam nos anos iniciais Irmã Soares de Souza e Pedrina Pereira da Silva. Ao responder sobre o nome dos professores que teve na escola Vicente Pallotti, o ex-aluno Pedro Rocha, lembra-se de Dona Irmã, Dona Valda e Dona Conceição.

Enquanto a atual Igreja Matriz ainda estava em construção, foi feita a limpeza do terreno em frente, em 3 de janeiro de 1966, com o objetivo de construir o edifício do Instituto D. Pedro II. Um mês depois, em 3 de fevereiro, o Instituto ficou pronto.

Figura 2 – Construção do Instituto D. Pedro II (1966) Figura 3 – Construção quase terminada do Instituto (1966)



Fonte: Museu Histórico e Fotográfico Masuo Yasunaka

A princípio, no Instituto, dirigido pelos palotinos Amadeu Amadori e José Pascoal Busato (Na Figura 3, em frente à construção), funcionou a escola técnica, onde eram ministrados cursos como o de datilografia e o de corte e costura, pensando-se na formação profissional. Em março de 1967, a Escola Paroquial Vicente Pallotti, que funcionava na Avenida Nove de Julho, passou a funcionar no Instituto D. Pedro II, com 110 alunos e cinco professores. A partir desse ano, também funcionou o Ginásio Comercial, no período noturno.

Sua inauguração oficial aconteceu no dia 25 de setembro de 1966, com a presença do pe. Guido Corcich e das autoridades civis e militares locais, como relatado no livro Tombo:

Aos 25 de setembro de 1966, com a grata presença do grande benfeitor pe. Guido Corcich e com a presença das autoridades civis e militares locais teve lugar a solene inauguração do Edifício do Instituto D. Pedro II onde funcionarão a Escola Técnica, O Ginásio Comercial e a escola Vicente Pallotti, tudo propriedade dos Padres Palotinos. Todos os alunos dos cursos técnicos, ginásial, primário e cursos de datilografia e corte e costura do Instituto D. Pedro II às 09 horas uniformizados desfilaram pela Avenida 9 de Julho, ao som da nova Fanfarrinha - oferta do pe. Guido Corcich ao Instituto D. Pedro II. Às 10 horas, ante a grande multidão que se comprimia em frente ao novo Edifício, deu-se início o ato inaugural, cabendo ao Sr. Prefeito municipal - Antônio Gabriel Moreira, a honra de cortar a fita simbólica, dando por inaugurada esta casa de formação de Fátima do Sul. A seguir na fachada do Edifício em altar preparado e rodeado pelas bandeiras: brasileira e mato-grossense houve missa campal, celebrada pelo pe. Guido Corcich às dependências do novo Edifício. Após a bênção, os alunos do Instituto D. Pedro II, bem como os professores, como feito de gratidão e amor, prestaram uma homenagem ao pe. Guido Corcich. (LIVRO TOMBO, 1966, p. 21).

Em março de 1967 iniciaram, como já afirmamos, as aulas do Ginásio, que nesse período, correspondiam, segundo a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, Lei 5.540, ao primeiro ciclo do ensino secundário, com quatro anos letivos.

No que se refere à forma de financiamento para a construção da escola, o pe. Ládio relatou que:

Para construir a escola foi recebido dinheiro de órgãos do estado, de verbas de deputados e também de outros países que tinham associações que ajudavam países mais pobres. Recebemos ajuda dos Estados Unidos e da Europa. Os padres que vieram fundar missão aqui com a ajuda dos outros padres da comunidade palotina, ajudaram a comprar meio lote, terreno este onde seria construída a escola. Em Vicentina também com a ajuda da sociedade dos pe. Palotinos, o pe. José Daniel comprou um lote inteiro, 30 hectares com o dinheiro de sua herança e lá construiu a igreja, os salões sociais, a casa de formação e a escola, ele tinha também plano de um hospital, mas não saiu por que os políticos queriam fazer em outro lugar para terem famas políticas.

Aqui se construiu o instituto Dom Pedro II. Em Vicentina era a escola Rainha dos Apóstolos e em Glória de Dourados a escola Sete de Setembro, dizia instituto por causa de outros ramais, tudo com a ajuda dos padres. No de Vicentina o pe. José Daniel recebeu a herança quando os pais dele faleceram e investiu na construção do prédio. (informação verbal).

O pe Ládio informa que, para o financiamento de construções de escolas em Fátima do Sul e regiões vizinhas, os padres contaram com dinheiro do exterior, por meio de organismos internacionais e religiosos, além de verbas públicas e doações.

O Livro Tombo relata os anos iniciais do Instituto, que “os pais davam uma ajuda de custo para as despesas da escola e para o pagamento dos professores” (LIVRO TOMBO, 1966, p. 21).

Em março de 1967, se iniciaram, como já afirmamos, as aulas do Ginásio, que nesse período, correspondiam, segundo a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, Lei 5.540, ao primeiro ciclo do ensino secundário, com quatro anos letivos. O pe. Amadeu Amadori registrou no Livro Tombo, que o Instituto, mesmo com as dificuldades de carência de docentes, “conseguia ter os melhores professores da região”.

Instituto D. Pedro II inicia as aulas- Aos 6 de março de 1967, com 300 alunos no Ginásio e 45 no técnico, tiveram início as aulas do presente ano, no prédio novo em frente a nova matriz em construção. É a melhor e a mais freqüentada Escola do Município. Conta com a melhor equipe de professores. (LIVRO TOMBO, 1966, p. 23).

Com a mudança da Escola Paroquial Vicente Pallotti, o antigo prédio foi demolido:

Demoliu-se o velho prédio da Escola Paroquial Vicente Pallotti: Aos 20 de maio de 1967 demoliu-se o prédio da escola paroquial Vicente Pallotti, para ceder o terreno às Irmãs de São José onde irão construir a sua residência. Com o material da velha escola está se construindo um salão atrás do prédio Instituto D. Pedro II, que servisse de salão de recreio de festas e formaturas. (LIVRO TOMBO, 1967, p. 23).

Além de acontecimentos em torno da construção e inauguração da Escola Paroquial Vicente Pallotti, o Livro Tombo relata acontecimentos em torno das festividades da instituição que nos permitem compreender um pouco das práticas escolares, pelas comemorações de datas consideradas importantes. “12-10-71 Dia das

crianças! As crianças de Fátima do Sul tiveram um feliz encontro no Instituto D. Pedro II, os mestres prestaram a elas uma simples homenagem! Salve crianças! (LIVRO TOMBO, 1971, p. 60)”.

Assim como o dia das crianças, o dia do professor também era comemorado. Em 1971 foi realizada no Instituto D. Pedro II um “encontro” dos professores da rede municipal de ensino das cidades de Fátima do Sul, Jateí e Glória de Dourados.

15-10-71- Dia do professor! No dia de hoje os professores municipais de Fátima do Sul, Jateí, Glória de Dourados tiveram um encontro no recinto do Instituto D. Pedro II. Foi um encontro! Foi uma revisão de missão de professor que a delegacia de ensino de Fátima do sul promoveu com palestras e exposições! À tarde, todos foram passear na ilha do Rio Dourados!(LIVRO TOMBO, 1971, p.60).

O “encontro de professores” de outros municípios na cidade de Fátima do Sul para comemorar o dia dos professores, parece indicar uma representação positiva da cidade na região à época e a importância que ela dava às questões educacionais. Entre as comemorações da escola estavam às formaturas dos alunos. Destacamos que a formatura era comemorada com uma missa “em ação de graças a mais uma vitória dos então dedicados alunos”, na qual se reuniam todos os formandos e entes dos formandos, independentemente da sua religião. “09-12-71 Missa de formatura do colégio estadual, na Matriz às 19h00min horas. Estiveram participando muitos pastores e adeptos protestantes. (LIVRO TOMBO, 1971, p.61)”

Encontramos um relato da colação de grau dos alunos dos cursos normalista e técnico em contabilidade que foi, provavelmente, a última turma de normalistas em virtude de mudanças na legislação educacional com a Lei 5.692/1971. “16-12-71 Normalistas, técnicos de contabilidade e concluintes do ginásio do Instituto D. Pedro II, receberam diploma hoje no Cine Estrela de Fátima do Sul, tudo ocorreu a contento! Parabéns! (LIVRO TOMBO, 1971, p.62)”.

Em razão da Lei 5.692 de 1971, que criou os ensinos de I e II Graus, o secretário de educação de Mato Grosso visitou o Instituto D. Pedro II, para esclarecer sobre as novas modalidades de ensino primário com as mudanças da referida Lei.

02-12-71 secretário de educação: Esteve visitando Fátima do Sul o secretário da educação de Matogrosso Dr. Paquim que vem em visita de esclarecimentos das novas modalidades de ensino primário feito em sistemas religioso, que funciona a partir de janeiro de 72. (LIVRO TOMBO, 1971, p. 61)

Sobre a formação de professores, o pe. Amadeu afirma no Livro Tombo em 1966, como já mencionamos, que o Instituto D. Pedro – que agregava o Ginásio, cursos técnicos e o primário, este a cargo da Escola Vicente Pallotti – contava “com a melhor equipe de professores. (LIVRO TOMBO, 1966, p. 23).

No entanto, o pe. Ládio Luís Girardi relatou-nos que entre 1972 e 1974 havia dois professores com curso superior: ele e uma professora que veio de São Paulo. A maioria dos professores, no entanto, “tinham o II Grau incompleto, outros nem isso. Havia alguns, por exemplo, que não tinham curso de matemática, mas eram bons em cálculo, então este iria dar aula de Matemática”. (Informação verbal).

Tal afirmação nos leva a questionar sobre a formação de professores no período investigado. A falta de professores habilitados era uma realidade do Ginásio? Acreditamos que os cursos de formação de normalistas oferecidos pelo próprio Instituto D. Pedro II visava sanar a necessidade de professores primários no período delimitado.

Sobre os conteúdos ministrados pelos professores, o pe. Girardi afirma que “Naquele tempo se estudava bastante, principalmente a língua, a forma de falar”. Na disciplina de Matemática, se ensinava primeiramente as quatro operações, era o básico e o mais fundamental que se precisava aprender naquele tempo, aquele que tinha essa aprendizagem como diz o pe. Ládio “já sabia se virar na vida”. (Informação verbal).

No ensino primário, o básico era a alfabetização. Em história começam estudando sobre a história da sua família, depois da escola, da comunidade, do município, do Estado e do Brasil. Segundo a professora Elcira, o que mais se exigia em Matemática era o ensino de pesos e medidas. (Informação verbal).

Em resposta à pergunta sobre quais disciplinas estudou na escola a partir de 1958, o ex-aluno Pedro Rocha afirma que foram: “Português, Matemática, Ciências, História e Geografia”. (Informação verbal).

Cabe destacar a relevância social e pedagógica dos ensinamentos de leitura, escrita e cálculos. Saber ler, escrever e fazer conta se constituiu como representação social do sujeito escolarizado e da suficiência do ensino, como atesta Monteiro (2011), ao escrever sobre a educação em Caarapó (MS).

No entanto, ao contrário da realidade apresentada pela autora, em Fátima do Sul (MS), quem terminasse o ensino primário poderia seguir os estudos, cursando o Ginásio e cursos profissionalizantes, oferecidos pelo Instituto D. Pedro II, também criado pelo movimento social palotino. Segundo Capilé (1999), até o início dos anos 1970, era a única escola a oferecer o ensino secundário no município.

Contudo, ao ser questionado sobre alguma lembrança do período de ditadura militar no Brasil, a partir de 1964, o ex-aluno Pedro Rocha afirma que “no militarismo, o estudo era para as pessoas mais favorecidas que tivessem condições financeiras”. Fator provavelmente considerado por ele como limitador para dar sequência aos estudos.

Conforme narrativa do pe. Ládio, a partir de 1964 nas escolas estaduais, a maior parte dos diretores eram escolhidos pelos governantes, colocavam na direção aqueles que eram de confiança do partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA)⁸. Com isso, muitas escolas ficaram em desvantagem, porque nem sempre a pessoa de confiança do partido ARENA era uma pessoa qualificada para ser diretor de uma escola. Houve até caso de ser escolhido para diretor um analfabeto. Mas isso era apenas em escolas estaduais, no Instituto D. Pedro II isso não chegou a acontecer, porque era particular.

Segundo o pe. Ládio Luiz Girardi, “A Instituição era considerada uma escola de respeito, até alguns pais que não eram da religião católica, preferiam matricular seus filhos lá, por considerar uma instituição de respeito”. (Informação verbal).

⁸Aliança Renovadora Nacional (ARENA) foi um [partido político brasileiro](#) criado em [1965](#) com a finalidade de dar sustentação política ao governo militar instituído a partir do [Golpe de Estado no Brasil em 1964](#) ([retirado do Wikipédia](#)).

No relato da professora Elcira sobre os conteúdos, ela afirmou que no Ensino Religioso não se focava em uma religião, já que não eram apenas católicos que estudavam na escola. (Informação verbal).

Ao nos perguntarmos, por fim, sobre a representação da Escola Vicente Pallotti para a cidade, ela representa, nas palavras do pe. Ládio Luiz Girardi, “o fim da ignorância que permeou a população no início da colonização”

Como diz Castro Alves, “Dai livros ao povo, e mandai o povo pensar”. Com a cultura, os métodos bairristas foram desaparecendo, os métodos arcaicos deram lugar a um pensamento, ou a um método mais culto de pensar, de educar os filhos, e de enfrentar o mundo no trabalho, na convivência e no relacionamento das pessoas humanas. E tinha gente muito arcaica aqui, então a escola ajudou a melhorar a forma de pensar da comunidade.

Considerações Finais

Sob a influência dos movimentos da Igreja Católica na década de 1950, em prol da educação popular, o movimento social palotino construiu em Vila Brasil, atual Fátima do Sul, a primeira escola de ensino primário, de caráter confessional, denominada Escola Paroquial Vicente Pallotti. O sucesso das obras sociais palotinas deveu-se, como pudemos constatar, além do auxílio da comunidade, às verbas de organismos internacionais. Tais investimentos permitem que a cidade de Fátima do Sul tenha, na década de 1960, além do ensino primário, o ensino secundário e cursos técnicos, ao contrário de cidades como Caarapó (MS), que só contavam com o ensino primário.

Sobre o currículo do ensino primário, as disciplinas ministradas parecem ter sido: Português, Matemática, Ciências, História e Geografia, com ênfase, para as duas primeiras disciplinas, uma vez que a leitura, a escrita e o cálculo, era considerados sinônimo de escolarização.

No que diz respeito às práticas escolares, destacamos as festividades para marcar datas comemorativas, como as datas cívicas, o dia da criança e o dia do professor. Sobre a representação social da escola na cidade de Fátima do Sul, parece-nos que ela era

considerada a melhor escola nesse período, considerando que até os não-católicos que tivessem condições, matriculavam seus filhos na Vicente Pallotti, por acreditar que nela estavam os melhores professores.

Referências

Fontes:

PARÓQUIA Nossa Senhora de Fátima. *Livro Tombo*. Fátima do Sul, Mato Grosso do Sul 1963- 1990.

Entrevistas narrativas:

BRISTOT, Quintino. **Professor Quintino Bristot**: entrevista narrativa. [fev. 2014]. Entrevistadora: Adriele Aparecida Squinca da Silva, Fátima do Sul, MS, 2014.

CIELO, Elcira Gracia. **Professora Elcira Gracia Cielo**. Idem.

GIRARDI, Ládio Luiz. **Padre Ládio Luiz Girardi**. Idem.

OLIVEIRA, Iraci de Souza de. **Professora Iraci de Souza de Oliveira**; Idem.

Questionário:

CIELO, Elcira Gracia. **Professora Elcira Gracia Cielo**: questionário estruturado. [mar. 2014]. Fátima do Sul, MS, 2014.

ROCHA, Pedro. **Ex-aluno Pedro Rocha**: questionário estruturado. [abri. 2014]. Fátima do Sul, MS, 2014.

Bibliografias:

BUFFA, E. Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. et al (org). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Associados, 2007, p. 151-164.

CAPILÉ, C. C. **História de Fátima do Sul**. [S.I.]: Gráf. Caiuás, 1999.

CHAUÍ, M. **Brasil – mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

GALETTI, Lylia S. G. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre o Mato Grosso**. 2000. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo: 2000.

JOVCHELOVITH, S; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In. BAUER, M. W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 11 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2013, p. 90-113.

MOGARRO, M. J. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 10 jul/dez. 2005, p. 75-99.

SANFELICE, J. L. História das Instituições Escolares. In NASCIMENTO, Isabel Moura... [et al], (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 75-94.

SANTOS, C.S. de. A. **Os Colonos e a Igreja Católica no contexto da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (1940- 1970)**. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em História). -Dourados, MS: UFGD.